

A TESSITURA DA PESQUISA COM MEMÓRIAS: REFLEXOS DAS NARRATIVAS DOCENTES SOBRE A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA CHESFIANA

THE TESSITURE OF MEMORY RESEARCH: REFLECTIONS FROM NARRATIVES FROM
TEACHERS ON CHESFIANA CHILD EDUCATION

LA TESITURA DE LA INVESTIGACIÓN DE LA MEMORIA: REFLEXIONES DE LAS
NARRATIVAS DIDÁCTICAS SOBRE LA EDUCACIÓN INFANTIL CHESFIANA

Laíse Soares Lima¹
Silvana Aparecida Bretas²

Resumo

O advento da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – Chesf com o propósito de exploração do rio e produção de energia hidrelétrica para o Nordeste brasileiro, impulsionou um projeto de modernização na cidade de Paulo Afonso - BA, pautado na construção de um núcleo urbano, com ênfase no desenvolvimento de modos civilizatórios mediante ações das instituições escolares. Por esse viés, o presente estudo versa sobre o movimento da pesquisa com memórias docentes, afim de evidenciar o trabalho com narrativas como caminho para compreender as nuances do cotidiano escolar. O estudo situa-se no campo da História da Educação, com base discursiva no enfoque metodológico da História Oral. As considerações realizadas expõem que as memórias são permeadas de significados que possibilitam reconstituir o passado dos trabalhos educacionais realizados com as crianças nas escolas, a partir de um projeto disciplinador que conduz as experiências infantis no âmago de uma cidade em edificação. O trabalho com lembranças e narrativas realçam as subjetividades do cotidiano escolar, emitindo a caracterização singular de um determinado período.

Palavras-chave: Chesf; Cotidiano escolar; Memórias; Narrativas.

Abstract

The advent of the Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - Chesf with the purpose of exploring the river and producing hydroelectric energy for the Northeast of Brazil, spurred a modernization project in the city of Paulo Afonso - BA, based on the construction of an urban center, with emphasis on the development of civilizing modes through actions of school institutions. For this reason, the present study deals with the research movement with memories of teachers, in order to highlight the work with narratives as a way to understand the nuances of school routine. The study is located in the field of History of Education, with a discursive basis in the methodological approach of Oral History. The considerations made show that memories are permeated with meanings that make it possible to reconstruct the past of educational work carried out with children in schools, based on a disciplinary project that conducts children's experiences at the heart of a city under construction. The work with memories and narratives enhances the subjectivities of the school routine, emitting the singular characterization of a certain period.

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe.

² Doutora em Educação Escolar. Professora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

Keywords: Chesf; School life; Memoirs; Narratives.

Resumen

La llegada de la Companhia Hidro Elétrica do São Francisco - Chesf con el propósito de explorar el río y producir energía hidroeléctrica para el Nordeste brasileño, impulsó un proyecto de modernización en la ciudad de Paulo Afonso - BA, basado en la construcción de un centro urbano, con énfasis en el desarrollo de modos civilizadores a través de acciones de las instituciones escolares. Debido a este sesgo, el presente estudio aborda el movimiento de investigación con memorias didácticas, con el fin de resaltar el trabajo con narrativas como una forma de comprender los matices de la rutina escolar. El estudio se ubica en el campo de la Historia de la Educación, con una base discursiva en el enfoque metodológico de la Historia Oral. Las consideraciones realizadas muestran que los recuerdos están impregnados de significados que permiten reconstruir el pasado del trabajo educativo realizado con los niños en las escuelas, a partir de un proyecto disciplinar que conduce las vivencias de los niños en el corazón de una ciudad en construcción. El trabajo con memorias y narrativas potencia las subjetividades de la rutina escolar, emitiendo la caracterización singular de un período determinado.

Palabras clave: Chesf; Vida escolar; Memorias; Narrativas.

Introdução

A força do encontro das águas exteriorizada por um som veemente e por uma beleza fascinante retrata a cachoeira de Paulo Afonso, situada no limite entre os estados da Bahia e Alagoas. Espaço de um representativo cenário paisagístico, tendo como principal elemento o Rio São Francisco, se potencializa em um dos maiores projetos de desenvolvimento econômico e social do Nordeste a partir da instituição da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco – Chesf em 1945.

As primeiras décadas do século XX são elementares para região, introduzindo o propósito de aproveitamento do rio e a distribuição da energia hidrelétrica para o Nordeste. Iniciava-se a “epopeia de Paulo Afonso”, um projeto moderno de desenvolvimento em uma área inteiramente desprovida de recursos básicos, com obstáculos geográficos a serem vencidos, todavia com apoio e credibilidade do Governo Federal à evolução do parque industrial nordestino. De tal modo, a exploração do potencial do Rio São Francisco, com o advento da Chesf, caracterizou a busca pela redução do quadro acentuado de desigualdade entre as regiões do país, fundamentando-se na produção energética, para consolidação de um avanço urbano e industrial, até então minimizados pelas precárias possibilidades das usinas termelétricas. “[...] Paulo Afonso surgia, portanto, como a solução natural para atender à demanda dos grandes

centros de consumo de energia elétrica, a qual, por sua própria dinâmica, provocaria por si mesma, sua crescente demanda” (JUCÁ, 1982, p.61).

Logo, a edificação da cidade de Paulo Afonso teve o panorama desértico da caatinga transformado pelo fluxo das obras e da migração popular advinda de distintos lugares do Brasil. O pequeno povoado subsistente de fazendas de gado e do caminho de boiadas ressignificaram-se para aderir às instalações da companhia que se ampliavam continuamente, atraindo um grande contingente de trabalhadores. Por conseguinte, foi necessário a criação de uma infraestrutura que possibilitasse aos novos moradores serviços de assistência à saúde, segurança, lazer e educação. A dinâmica de transformação exigiu a projeção de um acampamento a fim de cessar com as estruturas provisórias e desordenadas, proporcionando aos funcionários e às suas respectivas famílias condições civilizatórias, principalmente para atender à demanda de engenheiros, técnicos e profissionais que deixavam o conforto de seus antigos lares.

A empresa zelava pela organização e satisfação dos seus funcionários, esforçando-se para proporcionar meios necessários para que os moradores do acampamento tivessem uma boa qualidade de vida, para além de moradias, pois era fundamental um espaço que garantisse a permanência dos trabalhadores. Segundo relatório do primeiro presidente da Chesf, o acampamento visava oportunizar uma vida confortável e alegre naquela região tão isolada e rodeada de dificuldades, concluindo que “[...] as condições desse acampamento foram uma das causas do êxito do empreendimento” (SOUZA, 1955, p. 50).

A evolução do núcleo urbano de Paulo Afonso possuía ligação direta com a ampliação das usinas. O acampamento, popularmente conhecido como “cidade Chesf” possuía vilas demarcadas por cargos dos seus funcionários, instituições comerciais e religiosas, prédios administrativos, escolas de primeiro e segundo grau, clubes e um hospital, para atender a nova dinâmica social que se formara com a chegada constante de inúmeros trabalhadores.

Contudo, como forma de delimitar seu espaço e garantir a segurança dos residentes e do seu patrimônio, a Chesf, ao organizar o acampamento, construiu envolta uma cerca

que a posteriori se tornaria um muro de divisão com a Vila Poty³. O muro, acompanhado de guaritas e vigias, além de complexificar a troca de comunicação entre os bairros, direcionava a padronização de comportamentos e valores dos residentes, sendo um aspecto para o disciplinamento e a educação (NASCIMENTO, 1988).

Com rotinas de produção e supervisão, a população possuía uma educação interrompida nos diversos setores criados, que se estendiam das instituições formais de ensino a demais campos do cotidiano. Normas, valores e formas de condutas eram propagados pela empresa para formação do homem pauloafonsino.

Por esse viés, a escola se tornou lócus fundamental de desenvolvimento do cidadão moderno e civilizado, apto para o desempenho sociocultural, com processos de ordem e disciplinamento (NASCIMENTO, 2019). Simultaneamente ao avanço das obras nas usinas hidroelétricas, a Chesf implementou para as crianças residentes do acampamento diversas escolas, apresentando na década de 50 um quadro com três instituições com estruturas de destaques geridas e uma equipe profissional de 22 professoras, sendo 11 mantidas pelo Governo do Estado da Bahia (SOUZA, 1955).

As escolas promoviam a modernização das crianças e adolescentes da região, com práticas cotidianas que iriam além do conteúdo didático pedagógico, estabelecendo formas de ser e viver no novo cenário social do Sertão. Os alunos, se misturavam entre filhos dos mais prestigiados profissionais da empresa, com os filhos dos cassacos, que também deveriam cumprir os preceitos educativos. Com uma presença assídua na contratação dos funcionários, na organização dos eventos e nos resultados obtidos, a Chesf não se negava a avaliar e acompanhar o processo de produção escolar, com a convicção de que as escolas poderiam ser elementos de formação e transformação sociocultural da população.

Diante das considerações retratadas, este estudo é fruto de uma pesquisa de doutorado em andamento que tem por objetivo analisar como se configurou a educação das crianças no Sertão do São Francisco a partir dos sentimentos memorialísticos narrados

³ A Vila Poty se constituía em um agrupamento de moradores que desejavam pertencer à empresa. O seu nome provem de sacos de cimentos vazios, da marca Poty®, que eram descartados pela Chesf e utilizados nos telhados das casas dessa vila (JUCÁ, 1982).

por professoras do acampamento Chesf no período de 1949 a 1985. De tal modo, o foco principal da discussão aqui apresentada é explanar o movimento da pesquisa com memórias, para compreender as nuances que perpassam o cotidiano escolar. Buscamos evidenciar o trabalho com as narrativas como transformador e formador, por possibilitar ao sujeito o reconhecimento de si, suscitando um olhar atencioso para sua vida por meio de um novo ponto de vista.

Logo, esta proposição dialoga com as memórias de professoras da infância Chesfiana, apresentando concepções e significados de um espaço-tempo social. Entendemos que a narração de histórias de vida, por diferentes instrumentos metodológicos, individuais e coletivos propicia que o sujeito se identifique enquanto social, histórico e cultural (BENJAMIN, 1994). O resgate de memórias através da história oral permite compreender as distintas visões e experiências particulares que o grupo pesquisado possui do tempo de atuação profissional, além de salientar a instituição escolar como espaço repleto de vivências que contemplam práticas, discursos, sentimentos e perspectivas múltiplas.

Neste sentido, as questões sobre memórias enquanto caminho de pesquisa são retratadas, tendo por base a vertente educacional que norteava o processo de ensino e aprendizagem das professoras e crianças do acampamento. Situamos a escola como instrumento civilizador que pode direcionar caminhos para experienciar a infância, à medida que exploramos a importância de dar voz e visibilidade aos sujeitos que compreendem o espaço escolar, em especial neste estudo, as professoras da CHESF.

A escola da infância como sistema civilizador

O processo de educação formal mediado pela Chesf buscou proferir a partir da sua composição, caminhos de civilização para os estudantes, intervindo desde o ensino dos signos e símbolos da nossa língua materna, às formas de conduta e cuidados com o corpo e ações diárias. Os estudantes imersos nas rotinas educacionais vivenciavam grande parte de suas infâncias através dos modelos e hábitos considerados coerentes e normatizados pela Companhia.

Por meio dessa linha argumentativa, a escola é compreendida neste estudo como espaço que vai além do desenvolvimento do saber, refleti concepções de sujeitos, sociedades e estilos de vida histórico e culturalmente estabelecidos. Organizada a partir da ideia de modernidade, delinea ideais e modelos de civilização, sendo por primazia central na construção de identidades.

A escola ao difundir valores e formas de conduta para constituição de uma sociedade civilizada, torna-se produtora de um currículo real e oculto com objetivos planejados para redefinição das relações entre as crianças e formas de experienciar a infância, período compreendido como inicial e fundamental para disciplinamento do sujeito.

Mediante as reflexões da obra de Elias (1994), compreendemos como o processo civilizador, inerte nos espaços sociais, influem nas categorias geracionais, configurando as perspectivas e práticas de professores e alunos no ambiente escolar. A educação como caminho de desenvolvimento da criança, possibilita para além de conhecimentos científicos, o confronto de pensamentos e experiências determinadas pelos adultos como essenciais para o seu crescimento e atuação social. Assim, conceituamos que a escola historicamente aderiu a responsabilidade de civilizar as crianças, conduzindo formas de viver a infância no interior ou não da esfera institucional.

De tal modo, as crianças chesfianas, com a organização do acampamento, são levadas a viver em um novo estilo de comunidade. Gozando de uma infância distinta dos seus pais e dos seus anteriores familiares, pela exigência que o corrente contexto ocasionado pelas determinações da empresa e conseqüentemente das escolas exigiam. Estas alterações são manifestadas nos comportamentos, hábitos, discursos e nos próprios sentimentos dos sujeitos, que buscam moldar-se nesse sistema civilizador. Destarte, segundo Elias (1994, p.187) a intenção de aperfeiçoamento deve ser:

[...] cultivada desde tenra idade no indivíduo, como autocontrole habitual, pela estrutura da vida social, pela pressão das instituições em geral, e por certos órgãos executivos da sociedade (acima de tudo, pela família) em particular. Por conseguinte, as injunções e proibições sociais tornam-se cada vez mais parte do ser, de um superego estritamente regulado.

A civilidade se converte como parte da vida das crianças, através de controles e padronizações nas múltiplas linguagens infantis. Um processo

gradativo que culturalmente firma-se nos sujeitos, propagando-se e regulando ações. Para Elias (1994), o homem imerso no processo civilizatório vai estabelecendo atitudes de controle e autocontrole acerca do seu próprio corpo, e “[...] o senso do que fazer e não fazer para não ofender ou chocar os outros se torna mais sutil” (ELIAS, 1994, p.90).

A escola da infância responsável por educar e cuidar das crianças adere, portanto, com a sociedade moderna, o caráter de civilização, incorporando novas formas de atuação, de relacionamentos entre professores e crianças, normatizações, avaliações de desempenhos, entre outros atributos que não seguem um padrão, mas se definem a partir dos objetivos e perspectivas de cada região. Como assinala Araújo (2007, p.182) neste momento histórico que a modernidade representa, exige-se uma nova formação, específica para infância, por ser a base das ações humanas, logo “[...] cabia, então, investir na infância e na criança em vista da possibilidade de construção do futuro da humanidade”.

Nesta lógica, a visão sobre a necessidade e expansão de escolas para crianças ganha um novo sentido, pois auxilia na edificação de um projeto social, moldado institucionalmente desde a mais tenra idade (VEIGA, 2007). De tal modo, a história da educação infantil se escreve com base em um sentido determinado pela produção, por classes e formas mentais relativas a grupos específicos de uma realidade heterogênea (HELLER, 1929).

Assim, a infância escolarizada, libera as crianças dos seus exercícios espontâneos ou diretamente relacionados ao trabalho produtivo, inferindo na construção social da infância, a partir do “ofício de aluno” (SARMENTO, 2000, p.127).

Por essa vertente, Heller (1929) nos auxilia a refletir sobre a vida cotidiana no espaço escolar, a pensar como as ideias, sentimentos e ideologias sociais influem nos modos de vida das crianças, de forma espontânea, por ações que ocorrem corriqueiramente, mas possuem dimensão heterogênea, hierárquica e econômica, uma vez que são selecionadas previamente por grupos específicos.

A análise das ações cotidianas considera as relações comuns no tempo histórico, possibilita identificar a subjetividade do processo, as atividades essenciais para desenvolvimento e existência humana e os movimentos de sujeitos que tecem suas vidas guiados por normas e concepções políticas de uma classe determinante (HELLER, 1929).

O indivíduo e suas experiências são, portanto, o centro das reflexões, a escola se torna o caminho para efetivação de condutas e transformações sociais intensas que dinamizam a história, pois para Heller (1929, p.34) “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a verdadeira essência da substância social”. Deste modo, relações ativas, mas sobretudo, receptivas entre os adultos para as crianças são tecidas neste caminho, pela infância como fase inicial da vida está submersa em uma cotidianidade social definida que medeia suas existências.

Logo, ao conceber a ligação entre a educação da criança com o futuro adulto civilizado, apto para a vida em esfera social e para o trabalho, as distinções geracionais são salientadas, e projeções de sujeitos chesfianos emergem a partir do processo de formação. O espaço de produção das usinas hidroelétricas tem suas questões ampliadas, para além do rio, dos concretos e das linhas de transmissão de energia, refletindo os saberes úteis para vida e organização social a partir da infância.

Nesta perspectiva, ouvir as professoras chesfianas afim de compreender como organizavam e executavam suas ações com as crianças no espaço escolar é fundamental para visualizarmos a dinâmica do interior das instituições de ensino, vez que grande parte das práticas e concepções não podem ser encontradas nos documentos oficiais das instituições.

O delinear da pesquisa com memórias: impressões das narrativas docentes

O resgate das memórias expressas pelas professoras que atuaram em um período de transformações, políticas, econômicas e sociais visa enaltecer não só os trabalhos educativos desenvolvidos com as crianças nas instituições escolares, mas, sobretudo, compreender como as crianças experienciavam suas infâncias e tinham uma educação desenvolvida no bojo de uma cidade em edificação.

Em conformidade com Bosi (1994), o trabalho com as memórias de velhos é uma ação minuciosa, de atenção, cuidado e escuta sensível por considerar as limitações existentes. De tal modo, reconhecendo as possíveis dificuldades pelo tempo e idade das professoras, no estudo realizado, escutamos as narrativas de uma amostra das integrantes das cinco escolas da infância localizadas no acampamento Chesf, por

entendermos a importância de dar visibilidade às suas vozes, que por tanto tempo foram silenciadas.

As narrativas das professoras aposentadas são fundamentos de uma cultura conservada, são conceitos de um passado que emerge no presente e influi nos pensamentos e ações de um povo. Com elas há a possibilidade de aferir sobre a história social do seu período profissional, pois conheceram e sentiram as mudanças e decisões da cidade de Paulo Afonso, elas viveram e conduziram modos de viver. A relevância na investigação de pessoas com uma bagagem de experiências constituídas se justifica nas palavras de Bosi (1994, p.18) pela sua função social que “[...] é lembrar e aconselhar – *memini, moneo* – unir o começo e o fim, ligando o que foi e o porvir”.

São pelos velhos que as lembranças das tradições, dos costumes e da história são ressaltadas, orientando a educação de outras gerações nas ações cotidianas. Os velhos possuem uma significância constante na família e no seu círculo comunitário por trazerem à tona as imagens dos que não estão mais presentes, além de poderem verificar o que ficou e se transfigurou dos tempos de outrora. As narrativas dos velhos podem nos apresentar uma riqueza de um passado que não conhecemos, são ideias e condutas de um tempo que podem ser resignificadas pela contemporaneidade.

O diálogo com as professoras da pesquisa emana sentimentos de nostalgia, felicidade, tristeza, dúvidas, mas acima de tudo de uma entrega e dedicação à profissão e empresa que fizeram parte. O vínculo com a Chesf e a convicção de que testemunharam o desenvolvimento de um projeto inovador para região, permitiu-lhes nos receber com alegria e contentamento devido ao fato de poder manifestar suas histórias. Impressões que levam esta pesquisa a aproximar-se dos estudos de Bosi (1994, p.82) ao afirmar que para os velhos “sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância”.

Adotamos o papel de sujeito e objeto desta pesquisa, pois indagamos, investigamos, inferimos quando necessário, mas, sobretudo, elegemos a escuta sensível como indispensável para o desvendar das memórias. Ao considerar o olhar e as memórias das professoras sobre a educação das crianças no acampamento Chesf, a escuta foi essencial na produção dos dados, conforme possibilita aflorar reflexões sobre o período estudado. Uma relação a partir de uma estima semelhante foi assentido entre as

narradoras e nosso trabalho de ouvinte pela busca em conservar e enaltecer as memórias de um passado.

Neste sentido, autores como Halbwachs (2006), Bosi (1994; 2003), Pollak (1989), Benjamin (1985), e Le Goff (2003) salientam a memória como fonte, elevando-a como objeto de estudo e referência, o que permite uma reflexão acerca da influência memorialística na representação da história da educação das crianças.

Os estudos de Bosi (1994; 2003) enaltecem a memória como estado de sentimento que possibilita a reflexão e compreensão do agora a partir de outrora. Em consonância, preconiza que a memória propicia a relação do corpo presente com o passado, interferindo no processo atual de representações, sendo, portanto, o lado subjetivo de nossos conhecimentos acerca do mundo; e acrescenta, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

A atividade de relembrar o passado está imersa nas atividades humanas, um trabalho de retorno ao tempo vivido, as experiências culturais e sociais de um sujeito em delimitado tempo e espaço. A memória é permeada por nomes, pessoas que possuem ideologias que influíram e inspiram percepções.

Para Bosi (1994) as memórias são desencadeadas para responder as convocações do presente, pois as situações diárias e as pessoas que atuam em nossas vidas nos provocam a lembrar o passado. Assim, a partir das questões norteadoras da pesquisa e do diálogo reflexivo com as professoras se tornou eminente narrativas memorialísticas de um decorrido período profissional e pessoal.

Efetuar o trabalho com as memórias demandou tempo e disposição, ao compreendermos que lembranças específicas não estão prontamente à disposição, pois como caracteriza Bosi (1994, p.84) “uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito”. Solicitando do pesquisador acompanhamento e principalmente o estabelecimento de uma relação aprazível com os sujeitos, que revelam distintos sentimentos nostálgicos. Por conseguinte, a frequente presença com as professoras no processo de rememoração nos fez identificar as permanências e recusas que as conduzem deste passado requestado.

O conceito de memória como permanência do passado que orienta este estudo, entende que:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1994, p. 46-47).

As lembranças que a memória possibilita evocar retratam imagens de lugares, acontecimentos, sujeitos, mistérios e emoções permeadas de sentidos. São momentos singulares para as professoras, que não se repetirão, mas que deixaram marcas para toda uma vida.

Por este caminho, Halbwachs (2006) nos auxilia a compreender que a memória é indissociável da sociedade, constituída e compartilhada por sujeitos que interagem e vivenciam situações em comum. Ao recordar o indivíduo emite fatos, experiências, conflitos e conteúdos de grupos vinculados a períodos históricos. Todavia, as memórias não são apenas sucessões cronológicas de eventos e datas, mas se configuram pelos aspectos que permitem distinguir períodos, para além de esquemas e sistematizações.

As memórias estão impressas no ambiente social, são histórias de indivíduos que deixaram vestígios, perceptíveis ou não, mas que estão firmados nos costumes e modos de pensar. “Em geral nem prestamos atenção nisso... mas basta que a atenção se volte desse lado para notarmos que os costumes modernos repousam sobre camadas antigas que afloram em mais de um lugar” (HALBWACHS, 2006, p.87).

Desse modo, as memórias das professoras Chesfianas, não são apenas memórias particulares, são memórias de um grupo, episódios que explicam as relações interativas, as dinâmicas coletivas e os momentos de trocas na atuação docente com as crianças. Pensamentos particulares, porém, repletos de significação social. O que nos permite trilhar pelas teses de Halbwachs (2006, p.73), de que a memória pessoal e a memória social não se confundem, mas se complementam, uma vez que “[...]a história de nossa vida faz parte da história geral”.

Destarte, as proposições de Pollak (1989) corroboram com Halbwachs (2006) ao identificar que existem pontos de referência coletiva que compõe

nossa memória, são lugares, acontecimentos, pessoas, costumes, regras, ações das mais triviais as mais complexas que influem na nossa identidade. Assim, a memória se denota como seletiva, por escolhermos gravar e registrar o que traz sentido a nossa identidade individual e de grupo.

Ao passo que a memória viabiliza a reconstituição do passado, é uma reconstrução social de fatos históricos individuais e coletivos que nos direciona a visualizar novas versões da história (ARAÚJO, 2007). As lembranças das professoras deste estudo são capazes, portanto, de salientar a história da criança e a história da educação infantil no acampamento Chesf, seus aspectos sociais e culturais de um grupo de identificação comum.

Nesta perspectiva, segundo Benjamin (1985, p. 56), a memória é “[...] uma viagem imperdível, uma viagem necessária, fundamental para que a gente possa trazer à tona os encadeamentos da nossa história da nossa vida ou da vida do outro”.

Ao retratar a memória como presença do passado, Benjamin (1985) a contextualiza como integrante da experiência humana. Concretizada nas ações e imagens, compartilhadas ao longo do tempo, a memória se faz existente, englobada no presente, podendo ser preservada por meio das narrativas, que conservam referências de grupos, instituições e sociedade. De tal modo, a memória coexiste com a história dos sujeitos sociais, iluminando e direcionando o presente delineado.

As memórias esboçadas nesta pesquisa realçam a capacidade dos depoentes de conservar informações, pois como indica Le Goff (2003), os sujeitos possuem funções psíquicas que os possibilita atualizar, relembrar e negar dados. Igualmente, as professoras possuíam uma relação de proximidade com a organização social do acampamento Chesf, o que permite por suas narrativas compreender as teorias e posicionamentos políticos na formação de grupos e identidades desde a infância.

Para Le Goff (2003), há uma associação entre a formação social e a memória, à medida que as lembranças inspiram nas ações que podem trilhar para libertação ou submissão dos sujeitos. Assim, ao apreender a memória como uma categoria socialmente constituída, as lembranças incitarão outras lembranças, proporcionando que as histórias particulares sejam interligadas e transitem entre o subjetivo e a objetividade.

Mergulhar nesse cenário mnemônico é, portanto, compreender que a

história não está exposta somente em documentos oficiais, são nas narrativas orais que os sentimentos, as sensações e impressões dos períodos se mostram. A oralidade como componente próprio da memória produz conhecimentos, permite reelaborar e ordenar as ideias, entrelaçando os espaços.

Ao trabalharmos com a memória oral, as experiências das professoras, seu cotidiano, suas vidas e pensamentos foram registrados e cuidadosamente apreciados. As falas tímidas ou seguras socializam a história da educação das crianças, lembranças que vão além das nuances deste trabalho, revelando uma história plural e diversa.

A escuta das falas de sujeitos reais, que estabeleceram uma educação escolarizada para infância Chesfiana nos apresentou os movimentos históricos de uma sociedade que identifica a escola como elemento fundamental para sua edificação. As narrativas teceram impressões da formação subjetiva dessas crianças a partir das ações cotidianas planejadas e organizadas pelas professoras a partir de suas práticas pedagógicas. Desse modo, nos pautamos nos termos *narrativa* e *oralidade*, pois “ambas se desenvolveram no tempo, falam no tempo, recuperando na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente” (BOSI, 2003, p.45).

Como as demais fontes – iconográfica, documental, literária, etc. – a fonte oral detém de potências e limites, sua singularidade reside na perspectiva técnica de comunicação dos conhecimentos memorialísticos dos sujeitos. Conforme Ferreira e Amado (2006, p.16), “a história interessou-se pela “oralidade” na medida em que ela permite obter e desenvolver conhecimentos novos e fundamentar análises históricas com base na criação de fontes inéditas ou novas”. Através da história de sujeitos comuns, as transformações culturais e sociais podem ser compreendidas e analisadas por outro ângulo, emitindo expressões e sentidos que o documento não é capaz de revelar. São fontes vivas, que exigem uma relação interativa para expressão, uma prática bidirecional, pela qual aprendemos com os depoentes, mas ao mesmo tempo, suas narrativas podem ocasionar efeitos sobre eles.

Compreender o passado e os seus aspectos, elevando os objetos de pesquisa em sujeitos, nos permitiu utilizar a história oral como vertente metodológica, por ser um meio de pesquisa que “lança a vida para dentro da própria história” (THOMPSON, 1998, p. 44). A pesquisa com aporte da história oral realiza questionamentos a história

registrada, direcionando a novos modos de pensar e refletir sobre o passado.

Por esse viés, as contribuições de Thompson (1998) acerca da história oral e sua relevância na problematização da história reconstituída pela humanidade, identifica que novas histórias são criadas e outras reconfiguradas através do testemunho oral, que subjetivamente permite que as experiências de sujeitos, muitas vezes excluídos ou marginalizados do processo social, tenham visibilidade. Modos de ver e de sentir o mundo são expressos e legitimados por pessoas que enunciam e compõem a história.

A história oral exalta a voz do cotidiano individual e coletivo, frequentemente esquecido pela tradição escrita. Fornecendo, portanto, aparato teórico para traçar uma nova leitura da realidade. Como afirma Thompson (1998, p. 25), “a realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista”. Ao dar voz a distintos sujeitos, particularmente nesta pesquisa às velhas, oriundas do Sertão do São Francisco, a história oral revela a potencialidade das histórias, pensamentos e lembranças das mais diferentes comunidades.

Nessa perspectiva, a história oral permite que a subjetividade dos sujeitos se torne “inteligíveis – isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato” (ALBERTI, 2004, p.09). Como uma alternativa à história oficial, a história oral reinterpreta e descreve o passado elucidando concepções, trajetórias e acontecimentos particulares que não podem ser desvelados por outro meio.

Portanto, as memórias nortearam reflexões sobre a infância por outro ângulo geracional, ou seja, a partir dos adultos que compartilharam das situações educativas com as crianças, podendo contribuir para o sentido da história destes sujeitos sociais.

Com o uso da história oral podemos, em concordância com Thompson (1998, p. 17):

[...] dar grande contribuição para o resgate da história nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisas em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletados.

Deste modo, com compromisso analítico e ético, além de uma escuta mediadora, investimos em uma pesquisa com vistas a produzir efeitos sobre

fazer e discursos mais potentes, filiados ao exercício da reflexão assentada na criticidade, potencializada pela interlocução ativa entre os sujeitos que compõe a história da educação infantil. A memória enunciada pela metodologia da história oral, é entendida como elemento que pode ocasionar mudanças sociais, descortinando a própria história e orientando novas investigações. As narrativas podem propiciar sentimentos de pertencimento e valorização aos professores que vivenciaram um período único e essencial para formação das crianças chesfianas.

Consideramos que a confiança, o valor e a significação das palavras expressas, articulados com documentos complementares, enriquecem a construção da história. O enfoque é concedido as experiências dos professores, relacionando a história da infância, com as histórias pessoais e da comunidade, permitindo uma análise dialética sobre as explicações.

Nessa perspectiva, a indagação das memórias a partir da metodologia de história oral, resulta em um trabalho de representações do passado, testemunhando o sentimento de pertencimento e identidade de uma comunidade. Uma metodologia que não se resume a dimensões técnicas, mas que possui uma dimensão conceitual e teórica, levando o pesquisador a visualizar as narrativas como aptidões específicas de cada sujeito, com personalidades, conhecimentos, saberes e vivências constituídas por fatos e acontecimentos contínuos. Falas que podem ser interpretadas reconhecendo sua veracidade no confronto com os documentos e com a convicção que a ligação entre o passado e o presente é um caminho indissociável, e que nossas lembranças constituem quem somos.

Considerações Finais

A pesquisa com fundamento nas fontes orais busca refletir sobre o processo educacional da infância escolarizada através das trocas de contar e ouvir história. As narrativas detêm de elementos que por outro instrumento metodológico não poderiam ser manifestados, são sentimentos, expressões e linguagens silenciadas ou pronunciadas, repletas de sentidos possíveis de análise.

A partir das memórias não podemos visualizar a totalidade dos fatos

ocorridos no tempo remoto analisado. No entanto, os costumes, padrões e as finalidades educativas do grupo podem ser realçadas.

As professoras selecionaram narrar suas trajetórias, de acordo com o significado que esses acontecimentos possuem para sua vida. No papel de pesquisadores buscamos ouvir, aprendendo a observar os detalhes e a avaliar os silêncios. Aos sentarmos em suas casas e estarmos atentos às suas pronúncias, concedemos valor às suas histórias, respeitando seus posicionamentos, permeados por nostalgia e sentimentos, por reconstituir preciosos momentos.

As tessituras sinalizam que o cotidiano não é mais o mesmo, suas casas ganharam novas dimensões, os vizinhos e amigos outros rumos e direções, mas as lembranças são fiéis, acompanham as professoras como se o passado estivesse reprisado em um filme. Fotografias são apresentadas, músicas cantaroladas, sorrisos externados e olhares dispersos nas imagens mentais de um tempo que deixou marcas educativas, culturais e sociais.

Nesta perspectiva, os pensamentos da vida cotidiana, singularizados pela espontaneidade das ações realizadas, que fluem de forma leve e natural nas vozes das professoras, emitem uma relação harmoniosa com a empresa Chesf. Os objetivos das instituições educativas são esboçados a partir de uma crença que as escolhas tomadas possibilitaram a formação de crianças aptas para posteriores fases de escolarização e para o trabalho. Enunciando, ainda, pesar pela rede educacional da empresa não perdurar aos tempos atuais.

Assim, as memórias docentes são capazes de retratar o cotidiano educacional de um determinado período, uma vertente de pesquisa que explana as subjetividades do interior das instituições de ensino, caracterizando os elementos particulares das relações e atividades institucionais, com movimentos e possibilidades distintas a cada narrativa.

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar**: textos em história oral. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 196p.

ARAUJO, José Carlos Souza. Marcos filosóficos da modernidade em torno da educação da criança: antropologias da infância em disputas? In: CARVALHO, Carlos Henrique de;

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de; ARAUJO, José Carlos Souza (Orgs.). **Infância na modernidade entre educação e o trabalho**. Uberlândia, MG: EDUFU, 2007.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. (Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre Literatura e História da Cultura), trad. e org. de Sergio Rouanet, prefácio de Jeanne Marie Gagnebin, São Paulo, São Paulo: Brasiliense, v. I, 1985. Obras Escolhidas.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade** - lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994. 484p.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. 224p.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Uma História dos Costumes. Trad. Ruy Jungmann. 2a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. 279 p.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos & abusos da história oral**. – 8 ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. 304p.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**/ Agnes Heller, tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Kander. – São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JUCÁ, Joselice. **CHESF: 35 anos de história**. Recife: CHESF, 1982. 305 p.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão et al. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. **Modernização e educação escolar no Nordeste Brasileiro: as escolas da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco: Chesf (1949-2000)**. 2019. 439f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019

NASCIMENTO, Luiz Fernando Motta. **Paulo Afonso**: Luz e força movendo o Nordeste. Salvador: EGBA/ACHÉ, 1998. 368 p.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 2 nº 3, 1989.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Os ofícios da criança. **Congresso Internacional Mundos Sociais e Culturas da Infância**. Braga, Universidade do Minho, Portugal, 2000.

SOUZA, Antônio José Alves de. **Paulo Afonso**. 2. ed. Coleção Mauá. Ministério da Viação e Obras Públicas: Serviço de Documentação, 1955. 78p.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História oral. 2. ed. Tradução: Lélío Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 385p.

VEIGAS, Cynthia Greive. Monopolização do ensino pelo Estado e a produção da infância escolarizada. In: **X Simpósio internacional processo civilizador**. Campinas, São Paulo, 2007. Disponível em: http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais10/ementa_mesastematica_nova.htm. Acesso em: 15 de janeiro de 2020.

Artigo recebido em: 17 de agosto de 2020

Aprovado em: 03 de novembro de 2020

SOBRE AS AUTORAS

Laíse Soares Lima – Graduada em Pedagogia, com mestrado em Educação. É membro Grupo de Pesquisa em Formação de Professores, Educação e Contemporaneidade (FORPEC). Tem experiência na área de pesquisa em Educação, principalmente nos seguintes temas: História Social da Infância, Infância e Educação, Formação de Professores e Práticas Pedagógicas na Educação Infantil.

Contato: laisesoareslima@hotmail.com

ORCID: 0000-0003-0845-7753

Silvana Aparecida Bretas – graduada em pedagogia, com mestrado e doutorado em Educação. Tem experiência na área de pesquisa em educação, com ênfase na História da Educação Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: história das instituições escolares; história, historiografia e intelectuais; política educacional.

Contato: s-bretas@uol.com.br

ORCID: 0000-0003-1101-3272